


Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Regional	
Título: Como pode o Porto competir					Temática: Generalista	
2006/10/06	O PRIMEIRO DE JANEIRO – PRINCIPAL	Pág.2	Imagem: 1/1		Periodicidade: Diária	Inv.: n.a.

CONVENÇÃO AUTÁRQUICA DO PS/PORTO PERMITIU COMPILAR ALGUNAS IDEIAS

Como pode o Porto competir?

O sector privado é a esperança para o aumento da competitividade do Porto. Inovação, uma nova justiça, valorização da massa crítica e bom empreendedorismo também podem ajudar. Os especialistas sugerem alguns truques para a mudança.

EDUARDA VASCONCELOS

O economista Daniel Bessa defendeu ontem que o Porto precisa essencialmente de uma economia privada para poder granjear competitividade. Ao intervir na convenção autárquica da Comissão Política Concelhia do PS/Porto, afirmou não esperar “grandes coisas das empresas públicas como a Galp e a PT” e depositou a sua esperança no sector privado. “Temos a Bial, a Sogrape, a Lactogal, a Unicer, a Efácec, a Autosueco, a Salvador Caetano. É aqui que está a nossa esperança. O projecto político para a região passa por esta gente”, registou, frisando acerca da urgência em ser constituída uma plataforma de progresso: “Porei o meu cheque a quem fizer a maior proposta de valor neste sentido”, garantiu, aludindo ao voto nas próximas eleições.

A debruçar-se sobre o tema Economia, Inovação e Competitividade esteve também Rui Moreira, presidente da Associação Comercial do Porto (ACP). O responsável considerou nomeadamente que as pequenas e médias empresas têm problemas estruturais sérios e sobre os quais é necessário actuar porque inter-

ferem na sua competitividade. Legislação no trabalho, trabalho temporário e, genericamente, as condições que a justiça oferece estão, no entender de Rui Moreira, desajustados. “Os empresários falam da justiça que não funciona e este é um enorme problema e um factor tradicional de risco no negócio”, notou, acrescentando que “é mais importante resolver isto do que dar subsídios”. A questão do nível de empreendedorismo é também fulcral para o líder da ACP que critica que a inovação não existe em Portugal. A introdução de novidades no mercado foi igualmente focada pelo economista Alberto Castro que afiança mesmo que a inovação é “a única forma sustentável de sermos competitivos”, a par da valorização da massa crítica portuense na área das ciências da vida”. Alberto Castro apelou ainda a que a Junta

A esperança da competitividade está no sector privado

Metropolitana do Porto seja porta bandeira dos novos projectos para que estes sejam viabilizados e rejeitou a ideia de

negativismo na falência de empresas: “Desapareceram porque estavam condenadas e a gangrenar o resto do tecido”, declarou. José Silva, outro dos oradores, interveio sobre o turismo de negócio, publicitando-o como um factor-chave para a competitividade da região. “Lisboa cobre 87 por cento das reuniões do País”, fez notar como mero exemplo de falta de competitividade numa área que movimentava no mundo 44 biliões de dólares e 84 milhões de pessoas.



O diagnóstico traçado sobre a realidade actual é pouco animador

OPORTUNIDADE

Novo quadro comunitário

O presidente da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR-N) também interveio no painel dedicado à economia, debruçando-se mais na questão dos apoios comunitários. Carlos Lage garantiu que os 2,426 milhões de euros do próximo quadro de apoio são destinados precisamente à competitividade e que a orientação é que a verba seja canalizada para as pequenas e médias empresas. “A região vai ter ingredientes para se transformar”, assegurou. Lage defendeu, porém, que ao nível político o Norte vai precisar de “fenómenos”.